ISSN: 2358-8829

PAULO FREIRE E GILBERTO FREYRE: POR UMA PEDAGOGIA CRÍTICA DO CULTURALISMO CONSERVADOR

Elson dos Santos Gomes Junior [1]

RESUMO

Este trabalho apresenta a pedagogia crítica de Paulo Freire como referencial teórico e analítico para a promoção de uma educação que valoriza as especificidades identitárias e culturais. Assim, a partir da perspectiva de círculo cultural, entende-se que o processo educacional não deve ser desenvolvido de forma verticalizada e impositiva. Quando alicerçada nestes moldes, manifesta-se de forma autoritária e com tendência para as mais variadas formas de violência simbólica. Contudo, partindo do pressuposto de que a sociedade brasileira é uma sociedade majoritariamente conservadora, propomos um diálogo entre o patrono de nossa educação e um dos autores de maior expressão no quadro dos chamados intérpretes do Brasil, Gilberto Freyre. O objetivo foi contrastar o culturalismo conservador deste último com a crítica pela autonomia e emancipação dos oprimidos, do primeiro. O referencial teórico utilizado pautou-se sobre a pedagogia histórico-crítica, que, entre outros, preza pela necessidade de transformação e pela proposta imperativa de descontentamento diante dos discursos totalizantes. Os resultados apontam para a existência de uma ideia conservadora de cultura nociva para a educação, uma vez que desconsidera a efetividade histórica para a promoção da autonomia e da liberdade. Além disso, a cultura é apontada como uma dimensão que necessita de trato analítico, semântico e epistêmico mais rigorosos, pois se encontra em disputa e a serviço de uma gramática política que nega sua diversidade. Portanto, conservadorismo e transformação são evidenciados como necessidades que almejam hegemonia no campo educacional e, com isso, justifica-se o diálogo com perspectivas analíticas destes dois grandes nomes das humanidades no Brasil.

Palavras-chave: Autonomia, Emancipação, Cultura, Educação, Conservadorismo.

INTRODUÇÃO

A cultura política brasileira é historicamente caracterizada pela hegemonia do conservadorismo de classe, de modo que estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais encontram-se restritas aos estratos elitistas da sociedade brasileira. Desde o período colonial, por meio de práticas escravagistas e latifundiárias, boa parte da população brasileira foi subalternizada, de modo que os bens socialmente produzidos fossem absorvidos pelas elites e seus estratos (FERNANDES, 2005).

Mesmo com o fim da legalidade escravagista, em 1888, a necessidade de uma "segunda abolição" não perdeu sentido para uma sociedade marcada por fissuras socioeconômicas tão profundas como a brasileira. Em perspectiva sócio-histórica, mesmo com o processo de

[1] Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF – RJ, elsonuenf@yahoo.com.br;

ISSN: 2358-8829

modernização que se acentuou em meados dos anos 1950 (FERNANDES, 1980), as estruturas conservadoras não foram rompidas, embora adaptações para integração no sistema mundial do capitalismo tenham causado transformações significativas nos campos econômico, político, social e cultural.

Nestes termos, a questão que norteou este ensaio baseia-se no questionamento de uma cultura formalista, ou melhor, de uma forma de gramática política (NUNES, 2004) que se recusa a ampliar e aprofundar as mudanças tipificadas como modernizadoras. Com isso, historicamente as elites nacionais incorporam mudanças que sejam mínimas o suficiente para manutenção da integração ao sistema capitalista, de modo que, internamente, seu aprofundamento seja controlado pela manutenção de um "circuito fechado" (FERNANDES, 2010).

Sendo assim, no campo educacional, discursos totalizantes do conservadorismo cultural usurpam as necessidades nacionais por meio de necessidades de classe. Nesta via, o culturalismo conservador possui grande importância, uma vez que apresenta a sociedade de forma monolítica, integrada, afetivamente conectada e que utiliza de uma pretensa diversidade cultural como marca de sua harmonia e pacificação. Esta delimitação possui, na perspectiva teórica e interpretativa de Gilberto Freyre (2006), grande relevância para a defesa de um ideário de nação pautado sobre a ideia de cultura como sinônimo de nação, valores e totalidade.

Contudo, apesar de concordar em parte com essa interpretação, o que impede sua total aceitação, é que, em perspectiva histórico-crítica, o acesso aos bens socialmente produzidos ultrapassa e muito a dimensão desta (de) limitada noção de cultura e totalidade. Portanto, dialogando com Paulo Freire (2018), vê-se que as necessidades humanas e sua constituição ontológica carecem muito mais do que estas reduzidas doses de discurso e identidade cultural. Assim, longe desta interpretação, aponta para os "círculos culturais", para a necessidade de superação de fissuras econômicas, políticas e culturais, como também para formas de pensar o mundo que contemplem a complexidade; ou seja, a superação do pensamento binário conservador pelo pensamento complexo e historicamente situado (GOMES JUNIOR, 2021).

Considerando o supracitado, o presente trabalho tem por objetivo realizar uma crítica do culturalismo conservador presente na obra de Gilberto Freyre, de modo que sua ideia de totalidade seja cotejada com a perspectiva histórica da pedagogia de Paulo Freire. Com isso, percebemos que o aparato ideológico do conservadorismo cultural e sua gramática política operacionalizam conceitos que remetem à totalidade e nação, negando a diversidade ontológica, como também as especificidades que atribuem necessidades diferenciadas para as classes, estratos e etnias que compõem a sociedade.

ISSN: 2358-8829

A partir desta tensão, utilizamos a perspectiva histórico-crítica como lente teórica e analítica, de modo que o sentido de uma gramática cultural conservadora se evidencie insuficiente para as necessidades dos estratos não elitistas. Para isso, estabelecemos como percurso explicativo (I) a apresentação do que chamamos de conservadorismo cultural na obra de Gilberto Freyre (2006; 2003) e (II) seu cotejamento com a perspectiva crítica e emancipatória da pedagogia da autonomia de Paulo Freire (2014; 2018; 2019). Por essa via, defendemos a necessidade de uma pedagogia crítica, ou seja, que não cabe nos limites ideológicos e de restrição ontológica e cultural do conservadorismo.

Portanto, demonstramos neste trabalho a importância de uma formação crítica e historicamente estabelecida, de modo que narrativas totalizantes não sufoquem as necessidades culturais, educacionais, políticas e econômicas e suas mais variadas manifestações. Com isso, o reconhecimento de não estarmos prontos, ou melhor, de reconhecermos o ser humano "[...] enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento", se faz urgente (FREIRE, 2018, p. 50). Nesta via, o conservadorismo ganha contornos de insuficiente, não cotidiano, dissonante da diversidade e dos círculos culturais que, antes de se estabelecer por meio dos "semióforos" (CHAUÍ, 2000) e seus discursos, descortina-se nos históricos interesses elitistas, sendo este um dos motivos de sua veemente investida no campo educacional.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho é de cunho qualitativo e bibliográfico, em que buscamos explorar a existência de uma incompatibilidade entre o conservadorismo cultural existente na sociologia de Gilberto Freyre e a pedagogia da libertação promovida por Paulo Freire. No que tange ao primeiro, trabalhamos com obras que salientam o que chamamos de conservadorismo cultural (FREYRE, 2006; 2003), demonstrando a construção de uma ideologia de totalidade, atravessada por afetos e uma pretensa ausência de fissuras sociais. No segundo, utilizamos obras manifestamente escritas como críticas das relações de poder que subalternizam inúmeros estratos, principalmente aqueles distantes do topo da sociedade (FREIRE, 2014; 2018; 2019).

Assim, no cotejamento de tais interpretações sociais, encontramos em Freire uma justificativa na necessidade crítica da pedagogia. Neste sentido, o conceito de crítica encontra-se de acordo com Fernandes (1976), em que a teoria e a vida do autor são indissociáveis; ou seja, uma pedagogia crítica não se resume a semântica ou produção textual, mas sim a uma prática manifesta cotidianamente e que, independentemente da escala, atua no tecido do processo e da efetividade histórica.

ISSN: 2358-8829

Portanto, cotejando as obras de Gilberto Freyre com Paulo Freire, podemos identificar as insuficiências dos discursos de totalidade social que buscam interpretar a sociedade brasileira como uma grande nação afetuosa e solidária. Além disso, possui, na diferença de seus estratos, especificidades culturais que atuam mais para o fortalecimento da nação do que para a denúncia de suas fraturas e conflitos. Sendo assim, aborda de forma interdisciplinar a importância da pedagogia crítica como necessidade de reconhecer a incompletude de nossas necessidades civilizatórias, ontológicas, sociais, culturais, educacionais, entre outras dimensões.

Este exercício é por nós situado na perspectiva histórico-crítica (SAVIANI, 2011), e dialoga com o entendimento de Fernandes (1976) e do próprio Freire (2014; 2018; 2019), que, em conjunto, apontam para uma relação entre os sujeitos, o conhecimento e o mundo. Essa relação não é semântica, conceitual e tão pouco cartesiana, mas se faz no cotidiano, na atuação no mundo e pelo mundo. Sendo assim, essa lente teórica surge de uma atuação política cujo partido é o mundo em sua totalidade, incluindo toda a vida, como também a sua preservação.

Em síntese, delimita-se sobre uma ontologia complexa que envolve o reconhecimento de inúmeras dimensões, no entanto, estas são reconhecidamente pertencentes a todos os seres humanos, cuja existência é igualmente justificada e valorizada. Sendo assim, reflete sobre a natureza humana, que não é dada, mas produzida por meio de relações sociais que são em si a própria história (SAVIANI, 2011; FREIRE, 2018). Dessa forma, a democracia ecoa como um objetivo que não é sistêmico, mas ontologicamente estabelecido por meio do incessante aperfeiçoamento do homem sobre si por intermédio do trabalho historicamente situado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

GILBERTO FREYRE E O CONSERVADORISMO CULTURAL

Influenciado pela antropologia cultural de Boas (2005), Gilberto Freyre seguiu à risca sua proposta de interpretação da cultura, qual seja, a ideia de sua íntima relação com a história. Nestes termos, toda cultura é interpretada a partir de uma perspectiva histórica que a torna única, cujo processo de estabelecimento de suas instituições, simbolismos, linguagem, regras sociais, religião, entre outros, não persegue nenhuma outra cultura como objetivo a ser alcançado. Assim, contrapõe-se ao evolucionismo cultural e ao estabelecimento de uma história única da cultura, em que não existem hierarquias, mas sim o valor da cultura em si.

Nesta linha, Freyre (2006) realizou uma interpretação rica da formação social brasileira, como também de seu processo de desenvolvimento e modernização (FREYRE, 2000; 2013). Por isso, sua obra ganhou destaque no campo das ciências sociais no Brasil e no exterior, além

ISSN: 2358-8829

de integrar o campo da historiografia brasileira, como de outras ciências. Não por acaso, no campo educacional, sua obra é lida para o entendimento de nossa formação sociocultural, como também para entendermos o estabelecimento de gramáticas políticas existentes no Brasil (NUNES, 2004) e da educação necessária para o sujeito moderno neste quadro cultural.

Considerando o supracitado, antes de prosseguirmos, vale esclarecer o que denominamos de conservadorismo cultural. Entendemos por esse termo uma perspectiva teórico-analítica — que também é educacional e política — que interpreta a cultura como equivalente ontológico das necessidades humanas. Sendo assim, basta o exercício de atividades culturais para que as necessidades de determinados grupos e/ou estratos sociais sejam atendidas. Essa ideia é muito forte na obra-prima de Freyre (2006), Casa-grande e senzala. Além disso, apresenta em outros textos uma face mais virulenta de seu conservadorismo, chegando a se posicionar abertamente a favor de políticas autoritárias (FREYRE, 2003).

Dito isto, partimos de sua obra máxima para entendermos o desenvolvimento de seu conservadorismo cultural, em que apresenta a formação social brasileira na perspectiva de uma cultura híbrida, patriarcal, escravocrata e agrária (FREYRE, 2006). Nesta obra, a sociedade brasileira é entendida como o resultado de um hibridismo cultural, em que as matrizes europeia, indígena e africana resultaram na formação da cultura brasileira. Sendo assim, as três matrizes contribuíram de igual modo para a formação do Brasil, não havendo por isso perdedores ou vencedores.

Freyre (2006) traz os costumes culinários, a linguagem, os hábitos religiosos e matrimoniais, os instrumentos, os objetos e práticas agrícolas, enfim, o conjunto das práticas culturais como o resultado de uma fusão histórica. Para ele, a casa-grande foi a instituição mais poderosa da América Colonial, uma vez que sintetizou o poder político, econômico, religioso e cultural. Portanto, sua leitura dessa formação cultural é deste lugar — não por acaso, seu lugar de origem e de classe —, em que olhou para as relações e seus conflitos na perspectiva do senhor, sem que, neste ofício, tenha realizado qualquer crítica contundente aos processos de violência relatados por toda sua obra.

Sendo assim, podemos exemplificar com relatos do próprio Freyre (2006) a respeito deste conservadorismo cultural que, como qualquer perspectiva conservadora, naturaliza as relações, seus conflitos e desigualdades (BURKE, 2012; KIRK, 2021; TOCQUEVILLE, 1998). Um dos inúmeros exemplos é a ideia de que o português apresenta uma natureza plástica, capaz de se adaptar a outras culturas, assim como se adaptou aos muçulmanos durante o domínio da península ibérica. Sua leitura culturalista não toma a tensão entre estas culturas como uma forma de violência e de subjugar o outro, mas sim como um intercâmbio cultural cujo resultado

ISSN: 2358-8829

principal é a assimilação, o aprendizado e a agregação de práticas absorvidas pelo suposto intercâmbio cultural.

Por esta via, a educação diferenciada entre crianças negras e os filhos dos senhores passou literalmente como brincadeira de criança, mesmo que as crianças negras tenham sido descritas como cavalinhos dos meninos brancos. Essa desumanização cotidiana, naturalizada de forma quase cruel, encontra-se presente também nas relações entre as mulheres negras e as mulheres brancas, mesmo quando estas últimas castigavam e/ou evocavam feitiços de morte por motivo de ciúmes. Aliás, Freire (2006) relata que essa relação de disputa na casa-grande era comum, uma vez que o senhor preferia muitas vezes o corpo "quente" da mulher negra escravizada, o mesmo corpo que descreveu como bom para o sexo, contudo, descartável para o matrimônio e a formação familiar — entendida como a união entre um homem, uma mulher e os filhos oriundos desta relação.

O culturalismo conservador de Freyre (2006) também normatizou a hegemonia religiosa do cristianismo europeu e deixou aos africanos o mérito de contribuírem com a criação das crianças brancas e o desenvolvimento de um vocabulário atravessado por afetos e pela convivência. Dessa forma, a permanência dos corpos negros na instituição mais poderosa da América Colonial não foi como sujeitos de direitos, mas sim como contribuidores da formação cultural e social do Brasil.

Para isso, corpos foram violados, línguas foram apagadas, famílias foram separadas, mulheres tiveram seus corpos objetificados e consumidos, seus filhos foram vendidos, e o que ficou de mais importante para Freyre (2006) foi um ideal de cultura híbrida. Nela, a violência empregada durante todo o processo não foi encarada como algo pertinente, mesmo que o conteúdo de sua obra descreva inúmeros episódios de extrema violência, tanto física quanto simbólica.

Segundo Oliveira (2016), Freyre desenvolveu sua perspectiva educacional pautada no diálogo entre a sociologia e a antropologia, e considerou também a formação que recebeu no Colégio Americano Batista do Recife, pelo qual também viajou para o sul dos Estados Unidos e acabou por complementar seus estudos e primeiras pesquisas acadêmicas. Assim, ao regressar, atuou no campo educacional e chegou mesmo a fundar uma Escola Experimental — ligada ao Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais — CBPE. Contudo, apesar de sua experiência no campo educacional, Freyre nunca chegou a rever seu culturalismo conservador, chegando mesmo a aprofundar sua visão conservadora para tons extremistas (FREYRE, 2003).

O culturalismo conservador de Freyre naturalizou a violência dos sujeitos subalternizados pelos europeus, os quais foram tratados como aventureiros e plásticos (2006). Contudo,

ISSN: 2358-8829

discordando totalmente da ideia de Oliveira (2016), que defende uma forma de "co-educação" na casa-grande entre brancos e negros, o que entendo da interpretação de Freyre e de seu culturalismo é que a ideia de "natureza" social existente no pensamento conservador esteve latente por toda sua vida e obra. Esse conceito possui inclusive tonalidades divinas, uma vez que é tomado por inúmeros autores conservadores como resultado de forças divinas, as mesmas forças que estabeleceram a sociedade como deve ser; ou seja, negando a história como processo e responsabilidade humana.

Assim, autores como Burke (2012), Kirk (2021) e Tocqueville (1998) encaram, cada um à sua maneira, as diferenças históricas entre os estratos sociais como resultado da "natureza" social; ou seja, essas fissuras — violência, desigualdade, exclusão, subalternização — são partes constitutivas da sociedade, no entanto, não afetam a todos. Por outro lado, poder, riqueza, prestígio, educação e cultura formal, de igual modo, são distribuídos pelos mesmos motivos, sem que sejam questionadas as formas destas disparidades de vida e existência. Em Freyre (2006; 2003), essa naturalização ocorre por meio da cultura, por meio da qual ele naturaliza as fissuras e aparenta se importar com todos os sujeitos envolvidos.

PAULO FREIRE: PEDAGOGIA, CRÍTICA E AUTONOMIA

Nas palavras do próprio Freire (2018, p. 16), "[…] o erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele". Nestes termos, iniciamos o diálogo com a pedagogia freireana, esclarecendo que não pretendemos estabelecer valores como certo ou errado, bom ou mal, mas sim o tensionamento de duas importantes perspectivas que figuram no topo dos ideais político-pedagógicos da modernidade. Com isso, reafirmamos nossa pretensão em reforçar a insuficiência da perspectiva conservadora-cultural, uma vez que ontologicamente os sujeitos demandam o desenvolvimento de outras dimensões para seu pleno desenvolvimento.

Para Freire (2018), existe uma relação entre a ética e a vida, de modo que o elemento discursivo e semântico não seja encarado como objetivo histórico dos sujeitos. Sendo assim, concorda com Fernandes (1976), ao defender uma postura crítica que reproduza o mundo da vida. Para os conservadores, isso é difícil, uma vez que o reconhecimento das fissuras sociais é encarado como "natureza" da sociedade, ou seja, as experiências negativas são tratadas como partes integrantes do todo social e não necessitam ser alteradas. Por isso, enfatiza que "de nada

ISSN: 2358-8829

adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável à mudança" (FREIRE, 2018, p. 12).

Freire (2018) apresenta sua pedagogia crítica, afirmando que até mesmo educadores conservadores precisam aplicar alguns de seus pontos, uma vez que existe uma ética universal da humanidade, cujo cultivo manifesta demandas em todas as culturas. Sendo assim, a engrenagem pedagogia, crítica e autonomia funciona como uma força social e histórica que inevitavelmente transborda as certezas e as tradições, ao ser fruto do fazimento humano e da construção do tempo por meio do experimentar e atuar no mundo e para o mundo.

Nesta perspectiva, o tempo e os saberes não são delimitados pela perpetuação de práticas, mas sim pelo desenvolvimento humano que se permite atender às demandas e necessidades que surgem e se colocam para seu fazimento como parte do próprio tempo. Com isso, existe uma *práxis* que permite atuar no mundo, fazendo-o, como também a si. Portanto, supera-se a ideia de que existe um sujeito ensinando e outro aprendendo, em que o processo educativo é encarado como hierárquico e parte de seus sujeitos vazios e à procura de preenchimento. Assim, "[…] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado" (FREIRE, 2018, p. 25).

Com isso, a autonomia se mostra comprometida com uma relação que é dialética, prática, teórica e histórica, além de que todas as partes importam, pois todas ensinam e aprendem mutuamente (FREIRE, 2018). O conservadorismo cultural, ao estabelecer as matrizes e o que cada cultura contribuiu, delimitou um ideal histórico e civilizacional, o qual Freire discorda abertamente, uma vez que, além das relações de poder e das imposições ideológicas, os sujeitos são delimitados e as disparidades de poder e prestígio são naturalizadas.

Neste quadro, Freire (2018) supera o ideal conservador de que alguns estratos nasceram para mandar e/ou comandar, desfrutar de riquezas e de uma vida boa, consoante os padrões estabelecidos pela modernidade. Sua perspectiva desconsidera tal possibilidade, uma vez que a sociedade não é natural e muito menos se encontra acabada. Ela existe por meio dos sujeitos que são os promotores do tempo, das relações, das instituições, da cultura, educação, política e muito mais. Com isso, afirma Fiori (2019, p. 18): "a educação reproduz, assim, em seu plano próprio a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem". Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana". Sendo assim, conclui o autor, "a pedagogia é antropologia".

Freire (2019) então busca uma educação que seja tradutora do fazimento humano, em que sua prática se confunda com a própria antropologia, diferindo desta pelo fato de não se contentar apenas com a descrição e/ou catalogação de uma cultura, mas com a transformação por meio

ISSN: 2358-8829

do atendimento da ética universal humana; qual seja, a que movimenta o mundo estável do conservadorismo e suas fraturas, para buscar a superação por meio do atendimento e desenvolvimento ontológicos por meio da relação dialética humanidade-mundo.

Freire (2019) traz o debate de que sua pedagogia é antes uma forma de superar os radicalismos, tanto de direita quanto de esquerda. O primeiro mostra-se preso ao passado, tornando-o imutável, do mesmo modo que o segundo, que se apropria do futuro, tornando-o prefixado. Portanto, busca a superação destes maniqueísmos para evitarmos o grande erro destes posicionamentos, os quais chamou igualmente de "reacionários". Para ele:

> […] o fato de um conceber o presente "bem-comportado" e o outro, o futuro como predeterminado, não significa que se tornem espectadores, que cruzem os braços, o primeiro, esperando a manutenção do presente, uma espécie de volta ao passado; o segundo, à espera de que o futuro já "conhecido" se instale. […] A sectarização, em ambos os casos, é reacionária porque, um e outro, apropriando-se do tempo, de cujo saber se sentem igualmente proprietários, terminam sem o povo, uma forma de estar contra ele (FREIRE, 2019, p. 36).

A pedagogia freireana busca romper com qualquer perspectiva "reacionária" e/ou extremista, justamente pelo fato de não se deter ao conservadorismo e suas variações, como também a qualquer alinhamento teleológico de roupagens progressistas (FREIRE, 2018; 2019). As relações, mesmo para a chamada sociedade da globalização, são tecidas de forma mais horizontalizada, dialógica e pelo fazimento do cotidiano que é, segundo Freire, o tecer do tempo e da própria história. Os sujeitos não estão disputando narrativas apenas; estão existindo e narrando essa existência com o próprio mundo, no qual atuam e coexistem, formando e pertencendo. Assim, "é fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é" (FREIRE, 2014, p. 55).

Então, contrapondo-se às forças conservantistas, Freire (2014) nos chama atenção para esse caminho, que é o da construção de uma sociedade realmente democrática, que parte do princípio de que nos encontramos em transição. Assim, nossa formação social, apesar de avanços, não alcançou a experiência democrática efetiva, o que pode acontecer por meio de práticas como a pedagogia crítica, que, como estamos vendo, não se resume à educação sistematizada e formal.

Por esta via, a educação é uma forma de transbordamento, de espraiamento das relações entre sujeitos que se constroem ao construir o próprio mundo. Os círculos culturais servem de

ISSN: 2358-8829

gramática política para aproximação e leitura do mundo, sem que isso signifique a necessidade de subjugar e/ou de submeter sujeitos em benefício próprio. Nesta via, o caminho para a educação crítica, libertadora e democrática passa pela revisão e superação dos extremos — conservadores e chamados progressistas —, na qual o caminho se faz caminhando (FREIRE, 2014; 2018; 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotejamento entre o conservadorismo cultural de Gilberto Freyre e a pedagogia crítica de Paulo Freire nos coloca diante de uma necessidade de devir, em que o passado não pode sobrepujar-se ao presente, como também o futuro não pode ser teologicamente estabelecido e engessado. Ao nos distanciarmos destas "certezas" conservadoras e/ou progressistas, voltamo-nos para o presente não como forma de negação destas dimensões temporais e históricas, mas como o tempo histórico no qual nossas ações importam e movem o processo de construção do mundo e da própria humanidade.

Neste sentido, essa reflexão aponta para a necessidade de superarmos certos dualismos e valorizarmos nosso protagonismo enquanto sujeitos históricos, como também elementos centrais do fazer pedagógico. É bem verdade que as políticas públicas, as relações macroeconômicas e conjunturais influenciam a educação; é também verdade que o cotidiano experimentado na promoção e transformação do mundo importa tanto ou mais. Isso pelo simples fato de que podemos construir relações horizontalizadas, de diálogo e de reconhecimento da incompletude humana, sendo por isso necessário todo saber, todo sujeito, toda vida.

Sendo assim, a presente reflexão aponta para a superação de delimitações limitantes da inventividade humana, de sua diversidade e do potencial de criação do novo. Por isso, a pedagogia crítica aponta para essa dimensão de autonomia, qual seja, autonomia das limitações paralisantes que nos distanciam uns dos outros. Nesta via, cabe ressaltarmos a transposição destas limitações, principalmente conservadoras e de cunho totalizante, de modo que a complexidade humana seja atendida em um tempo que se constrói no devir, com necessidades que sejam reconhecidas e legitimadas pelo diálogo e por uma educação que tenha como objetivo a complexidade dos sujeitos no mundo e para o mundo.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Rio de Janeiro: Top´books, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2000.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2005.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia numa era de revolução social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FERNANDES, Florestan. **Circuito fechado: quatro ensaios sobre o "poder institucional"**. São Paulo: Globo, 2010.

FIORI, Ernani Maria. Prefácio: Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia — saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FREIRE, Paulo**. Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Palavras repatriadas**. Brasília: Editora da Unb, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos.** São Paulo: Global, 2013.

GOMES JUNIOR, Elson dos Santos. Paulo Freire a educação contra a burocratização da mente. **Transformar**, v. 15, n. 1, p. 175-191, 2021.

KIRK, Russel. **A mentalidade conservadora: de Edmund Burke a T. S. Eliot**. São Paulo: É Realizações Editora, 2021.

NUNES, E. **Gramática Política do Brasil: Clientelismo e Insulamento Burocrático**. Zahar. Rio de Janeiro, 2004.

ISSN: 2358-8829

OLIVEIRA, Amurabi. A questão educacional no pensamento de Gilberto Freyre. **Latitude**, v. 10, n. 1, p. 112-133, 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas – SP: Editora Autores Associados, 2011.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia,1998.